

**AÇÕES DE SUSTENTABILIDADE EM TRANSPORTADORAS DE
CARGAS RODOVIÁRIAS
SUSTAINABILITY ACTIONS IN ROAD FREIGHT TRANSPORTERS**

Recebimento: 25/4/2017- Aceite: 15/05/2017- Publicação: 30/06/2017
Processo de Avaliação: Double Blind Review

Leonardo Fabris Lugobon¹

Doutor em Administração
FEA-USP – FECAP - INSPER
leo_fabris@hotmail.com

Gabriela Santos Silva

Técnica em Administração
ETEC-SP
gabriela.97@outlook.com

Jessica Soares Souza

Técnica em Administração
ETEC-SP
jessica-soares96@hotmail.com

Joice Chiareto

Doutoranda em Administração
FEA-USP - FECAP
joice.chiareto@gmail.com

Marcus Vinicius Moreira Zittei

Doutor em Ciências Contábeis
FURB - FECAP
marcuszittei@zittei.com.br

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar as ações relacionadas à sustentabilidade realizadas por duas transportadoras de cargas rodoviárias do estado de São Paulo, Brasil. O método utilizado foi o estudo de casos múltiplos, tendo como instrumento de coleta de dados a entrevista em profundidade. Por meio das análises pode-se perceber que ambas as transportadoras fazem uso da sustentabilidade como uma estratégia competitiva. Para o gestor entrevistado na empresa A, as ações mais importantes da empresa relacionam-se às reduções

¹ Autor para correspondência: FECAP - Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado. R. Força Pública, 89 - Centro, Guarulhos - SP, Brasil. CEP: 07012-030.

na emissão de carbono, incentivo a projetos sociais e práticas de sustentabilidade relacionadas à redução de custos. Para a empresa B o foco é a sustentabilidade na logística, mas também existem outras ações relacionadas à segurança no trabalho, estímulo ao voluntariado dos funcionários, controle das emissões de gases poluentes e adota a substituição do diesel comum. Essa pesquisa contribui para o início de estudos sobre a sustentabilidade empresarial dentro de transportadoras, procurando expor práticas utilizadas pelas mesmas, suas contribuições, sua postura diante a sociedade, além das preocupações que transportadoras devem ter com relação à sustentabilidade.

Palavras-Chaves: Desenvolvimento Sustentável, Transportes, Conscientização ambiental

ABSTRACT

This study aimed to analyze the actions related to sustainability carried out by two road trucking companies in the state of São Paulo, Brazil. The method used was the multiple case study, having as data collection instrument the interview in-depth. In the analyze it is possible to see that both companies make use of sustainability as a competitive strategy. For the manager interviewed in the company A, the company's most important actions relate to reductions in carbon emissions, incentive to social projects and sustainability practices related to cost reduction. For the company B the focus is sustainability in logistics, but there are also other actions related to safety at work, encouraging employee volunteering, controlling emissions of polluting gases and adopting the replacement of common diesel. This research contributes to the beginning of a studies on corporate sustainability in trucking companies, seeking to expose practices used by them, their contributions, their attitude towards society, and the concerns that a trucking company should have regarding sustainability.

Keywords: Sustainable development, Transport, Environmental awareness.

INTRODUÇÃO

A sustentabilidade é um conceito amplo e, considerando a multiplicidade de suas definições, pode-se argumentar que se estende além do ambiente para incluir dimensões de desenvolvimento econômico, sociedade, equidade, educação, ética e contexto tecnológico (SANTOS et. al, 2009). A gestão eficaz das questões ecológicas exige encontrar um equilíbrio entre o sucesso econômico e a proteção ecológica (STEAD; STEAD, 2000).

Outro conceito que vem sendo muito discutido e levado para as empresas como sustentabilidade empresarial, sendo esse o meio de administrar os recursos utilizados na produção para que esses tragam retornos sociais, ambientais e econômicos (GUSE, et al., 2013).

Sendo que uma base muito utilizada para as discussões em sustentabilidade é o conceito de *Triple Bottom Line*, composto por três dimensões que se relacionam: econômica, social e ambiental (CLARO; CLARO; AMÂNCIO, 2008). O conceito de sustentabilidade tem sido

discutido no cenário mundial e exerce influência de modo crescente nas decisões de mercado nos mais diversos países, tal influência impulsionou os gestores repensarem os meios necessários se chegar ao lucro, desde a extração da matéria-prima até a expedição dos produtos acabados (CIOFI, 2010).

O fato de os interesses econômicos não se submeterem aos princípios éticos que acolhem valores ecológicos comprometem a essência da ideia terminológica do que seria sustentabilidade (BORGES; BORGES, 2014)

Especializadas em transporte de cargas, as transportadoras possuem grande responsabilidade ambiental. Segundo a CETESB (2010), uma grande parcela dos problemas ambientais se dá ou uso crescente de veículos; automóveis, caminhões, ônibus, motocicletas e toda sorte de embarcações e aviões foram responsáveis em 2004, por 13,1% das emissões de gases do efeito estufa (EPA, 2010).

Os serviços prestados pelo transporte de carga exercem uma grande influencia na composição do preço final das mercadorias, (IBGE, 2011), atraindo assim a atenção das empresas de todos os setores da economia. Considerando esse contexto o objetivo desse trabalho é analisar as ações relacionadas à sustentabilidade realizadas por duas transportadoras de cargas rodoviárias do estado de São Paulo

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. SUSTENTABILIDADE

O conceito de sustentabilidade abrange as relações entre qualidade ambiental, social e desenvolvimento econômico, sendo assim há várias definições de sustentabilidade com ênfase em cada um desses aspectos (PEREIRA; SILVA; CARBONARI, 2011).

De acordo com o Banco Mundial (2010), sustentabilidade baseia-se nas políticas ambientais e de desenvolvimento, comparando custo e benefício, e consiste em uma análise econômica, onde essa análise irá fortalecer a proteção ambiental e aumentar o nível de bem-estar de forma sustentável. De acordo com Hart e Milstein (2004), a sustentabilidade é baseada em crescimento econômico, podendo tornar-se vantagem competitiva, gerando valor para acionistas e para a sociedade em geral.

No aspecto ambiental o objetivo é proteger a diversidade ecológica e melhorar a qualidade de vida da população. A dimensão ambiental deve andar junto com a econômica, de modo a evitar que as empresas tratem o planeta como fonte de recursos infinitos (MORAIS;

PEREIRA; MORITZ, 2012). Sachs (1993) afirma que nosso planeta não é capaz de suportar fisicamente o crescimento econômico atual e o peso da economia mundial já está esmagando a natureza.

Com o aumento da importância da sustentabilidade em âmbito mundial, as empresas começaram a considerar como parte de sua estratégia de negócios, a inclusão de metas empresariais compatíveis com o desenvolvimento sustentável (PINSKY; DIAS; KRUGLIANSKAS, 2013).

Assim as empresas devem buscar atender às demandas sociais e atender a nova perspectiva contemporânea de valorização da sustentabilidade e responsabilidade corporativa (SILVA; BALBINO; GOMÉZ, 2011).

1.2. TRIPLE BOTTOM LINE

O *Triple Bottom Line*, aparece cada vez mais nos ambientes empresariais, ele foca no equilíbrio de três dimensões (social, ambiental e econômica), é o tripé para um desenvolvimento sustentável. O Autor desse termo, John Elkington enfatiza a necessidade de se avaliar não somente o desempenho financeiro de uma corporação, mas avaliar também o impacto sobre a economia, o meio ambiente e a sociedade que essa empresa atua. As dimensões do *Triple Bottom Line* também pode ser chamadas de três Ps: *person, planet e profits* (ALVES; SILVA, 2013).

O objetivo tradicional de um negócio gira em torno do desempenho econômico. No entanto, com a tendência atual global a administração deve apoiar e ser comprometida também com obrigações ambientais e sociais (LUKE, 2013).

No contexto do Triple Bottom Line a gestão assume que o sucesso de uma empresa deve ser medido não apenas pelos seus resultados financeiros, mas também pelo seu desempenho social / ético e ambiental (NORMAN; MACDONALD, 2004). Os defensores dessa abordagem acreditam que os desempenhos social e ambiental podem ser medidos de forma bastante objetiva, e que as empresas devem utilizar estes resultados para melhorar seu desempenho social e ambiental (NORMAN; MACDONALD, 2004).

O apoio ao TBL vem de (pelo menos) quatro fontes bastante distintas, mas inter-relacionadas: iniciativas multiagências (como o *Global Report Initiative*), consultorias, incluindo a indústria de *benchmarking* (incluindo a KPMG e a UNEP / SustainAbility), profissionais de contabilidade, através de serviços, pronunciamentos e relatórios e prestação de contas (por exemplo, Association of Chartered Certified Accountants - ACCA), associações

empresariais (como o World Business Council for Sustainable Development - WBCSD e o índice Dow Jones Sustainability). Estas e outras instituições e organizações têm sido ativamente cúmplices em encorajar a prática de tratar a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável como sinônimo cada vez mais com o TBL. Ou seja, o desempenho, iniciativas e / ou relatórios de sustentabilidade de uma organização são formulados em termos de satisfazer os três elementos do econômico, social e ambiental (MILNE; GRAY, 2012)

Em resumo, os defensores da 3BL acreditam que o desempenho social (e ambiental) pode ser medido de maneira bastante objetiva, e que as empresas devem usar esses resultados para melhorar seu desempenho social (e ambiental). Além disso, eles devem relatar esses resultados por uma questão de princípio, e ao usar e relatar essas "linhas de fundo" adicionais, as empresas podem esperar fazer melhor com seus resultados financeiros a longo prazo. (NORMAN; MACDONALD, 2004).

As empresas exercem uma notável influência sobre a sociedade. Atuando com sustentabilidade ela pode promover uma sociedade ecologicamente sustentável e socialmente justa, sem abrir mão de suas responsabilidades financeiras com os acionistas. Exerce também influência sobre seus contratados ao exigir que eles adotem práticas sustentáveis (FERRER, 2008).

Estudos revelam que a diversidade de empresas do setor produtivo brasileiro constatou grande diversidade de práticas de gestão ambiental que podem variar de acordo com os tipos de produtos e processos de cada organização, assim como também são influenciadas por outros fatores relacionados ao porte, setor, região de atuação e inovações tecnológicas adotadas pela empresa (ROHRICH; CUNHA, 2004).

A sustentabilidade empresarial é uma nova forma de fazer negócios, no qual inovação e sustentabilidade devem caminhar juntas para trazer vantagem competitiva atendendo a valores sociais (PINSKY, 2013).

Mas muitos executivos ignoram as oportunidades estratégicas que a sustentabilidade pode trazer, cumprindo apenas o que a legislação obriga, esquecendo-se de ponderar os benefícios que essa prática pode trazer como a redução de custos e riscos, beneficiando não só a corporação, mas a sociedade (HART; MILSTEIN, 2004).

Um dos desafios para as corporações é o aumento da produtividade dos recursos, pois inclui a redução de desperdício de energia e transporte, transformação de resíduos em matéria-prima e materiais alternativos. Esses desafios são bastante importantes já que contribuem para o avanço dos negócios além de gerarem alternativas sustentáveis, afirma Pinsky (2013).

A partir das definições propostas por Elkington, outros autores disseminaram suas próprias perspectivas. Barbieri et. al (2010), afirmam que para uma organização inovadora sustentável apenas inovar constantemente não é o bastante, deve-se inovar focando nas três dimensões da sustentabilidade. Para Hart e Milstein (2003), uma empresa sustentável é aquela que contribui para o desenvolvimento sustentável e que irá gerar benefícios econômicos, sociais e ambientais.

Para uma busca de maior transparência nos negócios, surge uma necessidade de se avaliar, mensurar e controlar a sustentabilidade empresarial, através de indicadores de sustentabilidade (NOBRE; RIBEIRO, 2013).

O retorno para as empresas que adotam um modelo sustentável são o reconhecimento e o privilégio de investidores do mercado financeiro e internacional têm por empresas socialmente responsáveis e rentáveis (SILVA; QUELHAS, 2006). Esses investidos irão fazer “investimentos socialmente responsáveis” (SRI), considerando que essas empresas irão gerar valor para os acionistas em longo prazo (BOVESPA, 2006).

Com o decorrer do tempo, as empresas interessadas em manter a sustentabilidade, têm elaborado relatórios anuais e/ou de sustentabilidade, bem como balanços sociais com intuito de apresentar um canal de comunicação com os agentes envolvidos (sociedade, governo, meio ambiente, investidores e entre outros) (LUGOBONI et. al, 2013).

Enfim, as empresas devem perceber através de todos os meios disponíveis como elas se posicionam diante do meio ambiente e da sociedade em que atuam, e dessa forma alcançar resultados não só econômicos, mas também ambientais e sociais (GUSE et. al, 2013).

Segundo Coral (2002), a inclusão dos conceitos de sustentabilidade será muito importante para o planejamento estratégico para iniciar uma mudança nos paradigmas de gestão, possibilitando maior interação entre as corporações.

As empresas de todos os ramos e setores devem entender que no futuro, para ser competitivo, elas devem possuir a capacidade de se envolver em atividades que geram prosperidade (AGUIAR; CALEMAN, 2013) e buscar estratégias de negócios que garantem o sucesso no cenário competitivo (FERRER, 2008).

1.3. SUSTENTABILIDADE NO TRANSPORTE TERRESTRE

O transporte terrestre pode ser dividido em: rodoviário, ferroviário e dutoviário. Sua importância para o sistema econômico é fundamental, pois interliga diferentes regiões econômicas de um país (RAZZOLINI, 2011). O modal rodoviário é frequentemente mais

utilizado para pequenas cargas, é bem competitivo e possui algumas vantagens adicionais como maior disponibilidade e mais velocidade (RAZZOLINI, 2011).

De acordo com o Ministério dos Transportes, aproximadamente 58% do transporte de cargas no Brasil é realizado através das rodovias. Em 2013 o custo médio do transporte rodoviário de cargas fechou o ano com elevação maior que a inflação (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO TRANSPORTE 2014).

Por causa das pressões competitivas e o aumento da exigência pelos serviços de padrão internacional, é provável que haja um crescimento da participação do transporte rodoviário (LOPES; CARDOSO; PICCININI, 2008). Devido a um círculo vicioso de motorização e suburbanização, temos sérios problemas ambientais relacionados com os transportes, incluindo congestionamento, o uso ineficiente da energia, bem como, ar, água e poluição sonora (HAYASHI et. al, 2004).

De acordo com a ANTT (Agência Nacional de Transportes Terrestres), se enquadram nesse perfil as empresas com finalidades e mecanismos do tipo: Exploração da infraestrutura ferroviária e o arrendamento dos ativos operacionais correspondentes; Transporte rodoviário interestadual e internacional de passageiros; Transporte rodoviário de cargas; Exploração da infraestrutura rodoviária federal; Transporte multimodal; Transporte de cargas especiais e perigosas em rodovias e ferrovias.

Alcançar um transporte sustentável é considerado um dos grandes desafios para os países do mundo todo (HAYASHI et. al, 2004). Empresas que precisam utilizar o transporte para a sua funcionalidade estão sujeitas a grandes responsabilidades, principalmente a responsabilidade ambiental. Conforme diz Lopes, Cardoso e Piccinini (2008), o transporte de carga brasileiro, especificadamente por rodovias, possui um desempenho inferior quando comparado a parâmetros internacionais.

O Ministério do Transporte define a competência como: “A prestação do serviço de transporte rodoviário de cargas é área de atuação da Agência Nacional de Transportes Terrestres – ANTT, responsável pela promoção dos estudos e levantamentos relativos à frota de caminhões, empresas constituídas e operadores autônomos, bem como a organização e manutenção do registro nacional de transportadores rodoviários de cargas, o RNTRC. A ANTT é responsável ainda pelas autorizações no transporte internacional de cargas.”

2. METODOLOGIA

Este trabalho é utiliza uma exploratório-descritiva, com uma abordagem qualitativa. Nos estudos exploratórios o objetivo é aprofundar o conhecimento sobre um tema ou problema que ainda não foi muito estudado (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006).

O método selecionado foi o estudo de casos múltiplos, esse método é o mais adequado para estudar eventos contemporâneos que não podem ser manipulados e onde os limites entre fenômeno e contexto são difíceis de definir claramente (YIN, 2010). Sendo os objetos de pesquisa duas transportadoras de grande porte.

Como ferramenta de coletas de dados foi utilizada a entrevista em profundidade com gestores do setor de sustentabilidade das duas empresas. As entrevistas abordaram tópicos como: sustentabilidade; *Triple Bottom Line*; ações sustentáveis, e um questionário com perguntas referentes a atividades corporativas das empresas que estão relacionadas à sustentabilidade.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1. DESCRIÇÃO DAS EMPRESAS

A empresa denominada A, é uma empresa multinacional que atua no mercado há 45 anos, e no Brasil, atua há 36 anos. Dividida em três áreas, essa empresa é classificada de grande porte, porque possui cerca de 700 funcionários e sua frota de caminhões é de 250 veículos, incluindo veículos de terceiros. A empresa transporta para clientes de diversos segmentos, como setor automotivo, químico, comércio de tabaco e bebidas, entre outros. Os modais utilizados pela empresa são rodoviário, aéreo, marítimo e ferroviário. O tipo de carga transportada pela empresa é de acordo com cada modal a ser utilizado.

A empresa denominada B, é uma transportadora brasileira de grande porte com um faturamento anual de quatro bilhões de reais. Atua com 24.000 colaboradores, dispondo de uma frota própria de 49.454 ativos operacionais, sendo caminhões, carretas, veículos leves, ônibus e equipamentos inclusos nessa frota. Atuando há 58 anos no mercado brasileiro, e ainda em outros quatro países do MERCOSUL, a transportadora não faz somente transporte rodoviário de carga, mas também de pessoas. Os clientes da empresa são de diversos setores, como o de mineração, automobilístico, siderúrgica, alimentício, elétrico e bioenergia, entre outros. Na gestão da empresa, há controles internos de mapeamento e manutenção de processos operacionais e financeiros, reuniões de conselho para divulgação dos resultados e planos de sucessão do corpo diretivo a cada dois anos.

3.2. GESTÃO DA SUSTENTABILIDADE NAS EMPRESAS ESTUDADAS

Com relação à Gestão da Sustentabilidade, a empresa A começou a implantar medidas relacionadas à sustentabilidade à aproximadamente 5 anos. Segundo o gestor entrevistado essa preocupação manifestou-se principalmente devido a pressão do mercado, impactos do uso de veículos e preocupação dos investidos quanto à sustentabilidade.

Assim como a empresa A, as decisões referentes à sustentabilidade na empresa B também são definidas pela alta direção, baseadas na política das necessidades externas e internas, como os Comitês de sustentabilidade. Na empresa B, a Gestão da Sustentabilidade já ganhava força no ano de 2006, sendo as ações com enfoque da logística sustentáveis mais aprofundadas no ano de 2013. A preocupação com a sustentabilidade veio a partir da definição da visão de se tornar uma referência nas boas práticas de segurança no transporte rodoviário profissional e no desenvolvimento sustentável. A empresa compreende a importância da sua contribuição para discussões dos rumos da sustentabilidade logística. Devido às necessidades externas de fortalecer o trabalho social, a empresa decide ser sustentável em suas ações corporativas.

Ambas as empresas conseguem perceber suas posições diante do meio ambiente e da sociedade em que atuam, e dessa forma alcançar resultados não só econômicos, mas também ambientais e sociais (GUSE, et. al, 2013). Na empresa A existe uma área voltada diretamente para a sustentabilidade, o que facilita o desenvolvimento de práticas sustentáveis e programas que ajudem a empresa a se tornar cada dia mais sustentável, porém as práticas não se estendem aos caminhões e outros veículos que poderiam reduzir a emissão de carbono.

3.2.1. Triple Bottom Line – Dimensão Econômica

A empresa A destaca o uso da sustentabilidade também como um meio de melhorar sua competitividade por meio da redução de custos. Ao mesmo tempo que a empresa busca as metas de sustentabilidade estabelecidas ela aproveita para evitar desperdícios e consequentemente reduzir custos. Isso pode ser visto pela afirmação do gestor entrevistado sobre como a sustentabilidade influencia no retorno financeiro: “Bom, ela retorna pela conscientização dos funcionários, como a redução dos itens que são consumidos dentro da empresa, evitando desperdícios, e reutilizando os resíduos, e isso irá poupar possíveis despesas.” O que corrobora as afirmações Moraes, Pereira e Mortiz (2012) de que a dimensão ambiental deve andar junto com a econômica.

A empresa B vê a sustentabilidade com um foco um pouco diferente. Seu foco está mais nos valores da empresa: Cliente, Gente, Trabalho, Simplicidade e Lucro. Como meios de mensurar os resultados econômicos das ações de sustentabilidade a empresa utiliza indicadores como: índice de turn over, pesquisa de satisfação dos clientes e índices financeiros de lucro e fluxo de caixa.

3.2.2. Triple Bottom Line - Dimensão Social

Quanto ao pilar ambiental na empresa A existem ações bem específicas para que as atividades da empresa impactem positivamente na comunidade onde a empresa está localizada. Isso pode ser visto na afirmação do entrevistado B “Tem alguns programas de responsabilidade social e alguns métodos de criações de caso, onde alguns funcionários se disponibilizam em reconstruir casas para as pessoas; a preocupação com o meio ambiente em descarte incorreto; e na plantação de árvores”. O gestor também declara que a empresa tem planos para aumentar as atividades relacionadas aos impactos sociais, além do uso atual de metas relacionadas aos programas sociais da empresa.

Já o gestor da empresa B destacou na dimensão social ações como: ações de Segurança no transporte, Resgate de valores, Voluntariado, Trabalho em rede e incentivos a cultura e ao esporte. Nessa dimensão a empresa possui um instituto, chamado Instituto Julio Simões, que cuida de toda a parte de ações sociais da empresa. A empresa também incentiva a participação dos funcionários em ações que beneficiem a comunidade, como pode ser visto pela fala do entrevistado: “um exemplo é um programa que é estimulado por colaboradores a Incentivar o voluntariado e o exercício da cidadania, visitando creches e asilos, efetuando doações e levando alegria.” O gestor afirma que a empresa mensura as ações sociais apenas quanto aos valores investidos, mas não em relação ao seu impacto.

Em ambas as empresas, apesar de praticarem ações nessa linha, não declaram mensurar o impacto dessas ações na sociedade, o que pode prejudicar a eficiência e o resultados delas. Segundo Norman e Macdonald (2004) os desempenhos social e ambiental de uma empresa devem ser mensurados de maneira bastante objetiva e que as empresas devem usar esses resultados para melhorar seu desempenho social e ambiental. Mas as ações das mostram sua influência na sociedade e pode promover uma sociedade ecologicamente sustentável e socialmente justa, sem abrir mão de suas responsabilidades financeiras com os acionistas (FERRER, 2008).

3.2.3. Triple Bottom Line - Dimensão Ambiental

Quanto à Dimensão Ambiental a empresa A busca reutilizar o máximo possível de materiais, tenta reduzir ao máximo os impactos ambientais causados por ela, entre essas ações estão a Redução do Carbono e o uso da ISO 14001. Os meios utilizados para mensurar isso são relatórios sobre as emissões CO₂, para demonstrar a posição da empresa em termos de emissão de gases do efeito estufa. Sendo isso o foco da empresa no caso da dimensão ambiental.

A empresa B foca em investir em ações que minimizem os impactos ambientais causados pelo serviço prestado e busca levantar os impactos ambientais gerados. Os aspectos ambientais significativos possuem controles operacionais para controlar os impactos e indicadores, como Controle de emissão de gases, substituição de combustível da frota de diesel para diesel S10 que emite menos poluente e Reuso de água. Sendo que tudo isso é mensurado no Inventário anual de emissões para controle.

3.2.4. Visão Geral da Sustentabilidade nas Empresas Estudadas

Um resumo das ações relacionadas a sustentabilidade nas empresas A e B pode ser visto no Quadro 1:

Quadro 1 - Ações Voltadas para Sustentabilidade

Ações sustentáveis	EMPRESA A	EMPRESA B
Dimensão Econômica	Visa maior lucratividade através da sustentabilidade. Metas baseadas em cada ano para a redução de gastos e desperdícios a partir do desenvolvimento sustentável. Relatórios para ver resultado da margem de lucro.	Visa maior lucratividade através da sustentabilidade. Metas de crescimento em volume de negócios já existentes e novos negócios com valores sustentáveis de Cliente, Gente, Trabalho, Simplicidade e Lucro.
Dimensão Social	Programas de responsabilidade social, Incentivos de colaboração social. Conscientização de funcionários. Ajuda de entidades sem fins lucrativos.	Ações de Segurança no transporte, Resgate de valores, Voluntariado, Trabalho em rede e incentivos a cultura e ao esporte. Ajuda de entidades sem fins lucrativos. Campanhas sociais.
Dimensão Ambiental	Economiza e reutiliza recursos naturais. Redução do carbono; Implantação de projetos ambientais que visam à redução dos impactos ambientais. Evita desperdícios de materiais visando maior retorno lucrativo.	Matriz com o levantamento de todos os impactos ambientais gerados por ela. Substituição do combustível da frota de diesel para diesel S10 que emite menos poluente.
Resultados	Conquista de credibilidade em uma parcela do mercado, redução de custos e aumento no lucro.	Reconhecimento do mercado, competitividade, retorno financeiro. Conscientiza seus funcionários a adotarem ações de sustentabilidade dentro da empresa.

Fonte: Elaborado pelos Autores, 2017.

Comparando as ações de ambas as empresas é possível perceber uma grande diversidade de ações, com grande variação tanto nas ações em si como nos resultados percebidos pelos

gestores. Mas ambas as transportadoras fazem uso da sustentabilidade como uma estratégia competitiva para manter-se no mercado.

Outro aspecto que merece destaque é a dificuldade que ambas as empresas demonstram em mensurar tanto as ações quanto seu impacto nos resultados financeiros. Apesar do uso de alguns relatórios internos, poucos resultados aparentam ser mensurados. Outro problema enfrentado pelas transportadoras é a dificuldade para encontrar fornecedores e investidores que visem às práticas sustentáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar as ações relacionadas à sustentabilidade realizadas por duas transportadoras de cargas rodoviárias do estado de São Paulo

Pode-se perceber que ambas as transportadoras fazem uso da sustentabilidade como uma estratégia competitiva para manter-se no mercado. Conforme disseram os representantes das duas transportadoras nas entrevistas, a sustentabilidade traz redução dos custos e credibilidade para a empresa. Nas duas empresas, são elaboradas metas paralelas à sustentabilidade que são mensuradas através de relatórios, apesar de ainda ser de forma inicial.

Na visão do representante da empresa A, as ações mais importantes da empresa relacionam-se às reduções na emissão de carbono, incentivo a projetos sociais e práticas de sustentabilidade relacionadas à redução de custos.

Para a empresa B um dos focos é a sustentabilidade na logística, principalmente como modo de se manter no mercado. Como outras ações a empresa visa principalmente segurança no trabalho, estímulo ao voluntariado dos funcionários, controle das emissões de gases poluentes e adota a substituição do diesel comum para o diesel S10, reduzindo as emissões desses gases.

Essa pesquisa contribui para o início de um estudo sobre a sustentabilidade empresarial dentro de transportadoras, procurando expor práticas utilizadas pelas mesmas, suas contribuições, sua postura diante a sociedade, além da preocupação que uma transportadora deve ter com relação à sustentabilidade.

As limitações dessa pesquisa são uso de um único caso, que limita a generalização dos resultados, o viés do pesquisador e o número limitado de entrevistas. Como sugestões para pesquisas poderiam ser estudadas as ações de sustentabilidade mais comuns em um grande número de empresas ou estudos com especialistas para levantar quais seriam as ações mais eficientes para empresas desse ramo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. K.; CALEMAN, S. M. de Q. Sustainability: who is driving it? **Desafio Online**, Campo Grande, v.1, n.2, mai/ago. 2013.

ALVES, R. C.; ANTONIALLI, L. M.; LOPES, H. E. G.; SOUKI, G. Q.; REIS NETO, M. T. Estratégias “construídas” nas micro e pequenas empresas: um estudo no Mercado Central De Belo Horizonte. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v. 7, n. 3, p. 3-18, 2013.

ANTT. **Áreas de Atuação**. Disponível em:
<http://www.antt.gov.br/index.php/content/view/4870/Areas_de_Atuação.html> Acesso em: 10 abril 2014.

BARBIERI, J. C.; VASCONCELOS, I. F. G. de.; ANDREASSI, T.; VASCONCELOS, F. C. de. Inovação e Sustentabilidade: Novos Modelos e Proposições. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 2, abr-jun, p.146-154, 2010

BORGES, F. Q.; BORGES, F. Q. Desempenho institucional e a gestão da sustentabilidade: uma análise de indicadores na Aneel. **Revista Economia & Gestão**, v. 14, n. 35, p. 35-53, 2014.

CETESB, **Emissão veicular: Transporte sustentável - 2010**. Disponível em:
<<http://www.cetesb.sp.gov.br/ar/Emiss%C3%A3o-Ve%C3%ADcular/17-Transporte-Sustent%C3%A1vel>> Acessado em: 14 março. 2014.

CIOFI, J. L. **Uma investigação do nível de sustentabilidade das companhias de papel e celulose e a influência das informações financeiras sobre a qualidade da divulgação socioambiental** - Dissertação de Mestrado em Controladoria e Contabilidade. Ribeirão Preto. 2010. 102f. Dissertação (Mestre em controladoria e contabilidade) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. 2010.

CLARO, P. B. O., CLARO, D. P., & AMÂNCIO, R. Entendendo o Conceito de Sustentabilidade nas Organizações. **R. Adm.** São Paulo, Brasil, v.43, n.4, p.289-300, out./nov./dez. 2008.

CORAL, E. **Modelo de Planejamento estratégico para a sustentabilidade empresarial**.2002. 275f. Tese (Engenharia de Produção) - Programa Pós-graduação em engenharia de produção, Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2002.

ELKINGTON, J. A nova Linguagem da Sustentabilidade. **Ideia Sustentável**. Disponível em:< <http://www.ideiasustentavel.com.br/2013/07/a-nova-linguagem-da-sustentabilidade/>> Acessado em: 23 mar. 2014.

EPA. Global Greenhouse Gas Emissions Data. United States Environmental Protection Agency. Disponível em: <<http://www.epa.gov/climatechange/ghgemissions/global.html>> Acessado em: 02 ago. 2014.

FERRER, G. Sustainability: What Does it Mean for the Operations Manager? **Journal of Operations and Supply Chain Management 1 (2)**, International Conference of the Production and Operations Management Society, v. 1, n. 2, p. 1-16 Jul/Dec. 2008.

GUSE, J. C.; ROSSATO, M. V.; DORR, A. C.; SILVA, A. Sustentabilidade empresarial de grandes empresas brasileiras: uma análise da dimensão ambiental. **Desafio Online**, v. 1, n. 3, p. 1-22, 2013.

HART, S. L.; MILSTEN, M. B. Creating Sustainable Value. **Academy of Management Executive**, v.3, n. 2, Mai/Jul 2004.

HAYASHI, Y.; DOI, K.; YAGISHITA, M.; KUWATA, M. - Urban Transport Sustainability: Asian Trends, Problems and Policy Practices. **European Journal of Transport and Infrastructure Research**. (ISSN 1567-7141) EJTIR, 4, no. 1 (2004), pp. 27-45.

LOPES, S. S.; CARDOSO, M. P.; PICCININI, M. S. O Transporte Rodoviário de Carga e o Papel do BNDES. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 29, p. 35-60, Jun. 2008.

LUGOBONI, L. F. et al. Análise dos relatórios de sustentabilidade das indústrias de papel e celulose. **RMS Revista Metropolitana de Sustentabilidade**, São Paulo, SP, Brasil, v.3, n.3, p. 66-88, set./dez. 2013.

LUKE, O. O. Triple Bottom Line Reporting: An Assessment of Sustainability in Banking Industry in Nigeria. **Asian Journal of Finance & Accounting**, Ekiti State, Nigeria, Vol. 5, No. 2, sept/dec., 2013.

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES. **Competência**. Disponível em: <<http://www.transportes.gov.br/conteudo/93184>>. Acesso em: 18 de abr. 2014.

MILNE, M. J.; GRAY, R. (2013). W(h)ither Ecology? The Triple Bottom Line, the Global Reporting Initiative, and Corporate Sustainability Reporting. **Journal of Business Ethics**, v.118, n.1, p.13–29, 2013.

MORAIS, S.; PEREIRA, M. F.; MORITZ, G. O. Novo Capitalismo: criação de valor compartilhado e responsabilidade social empresarial. **Revista Pretexto**, v. 13, n. 3, p. 72-91, 2012.

NORMAN, W.; MACDONALD, C. Getting to the bottom of “Triple Bottom Line”. **Business Ethics Quarterly**, v.14, n.2, p.243–262, 2004.

PEREIRA, A., SILVA, G., CARBONARI, M. - **Sustentabilidade na prática: fundamentos, experiências e habilidades**. 21.ed. Anhanguera Publicações Ltda, São Paulo, 2011.

PINSKY, V. C.; DIAS, J. L.; KRUGLIANSKAS, I. Gestão Estratégica de sustentabilidade e inovação. **Revista de Administração da UFSM**, Santa Maria, v.6, número 3, p. 465-480, set/nov. 2013.

RAZZOLINI, E. F. – **Transporte e modais**: com suporte de TI e SI. – 3. ed. ver., atual. e ampl. – Curitiba: Ibplex, 2009.

ROHRICH, S. S.; CUNHA, J. C. A proposição de uma taxonomia para análise de Gestão Ambiental no Brasil, **Revista de Administração Contemporânea RAC**, v.8, n.4, p. 81-97out./dez. 2004.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. 3 ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANTOS, R.; WENNERSTEN, R.; OLIVA, E. B. L.; LEAL FILHO, W. L. Strategies for competitiveness and sustainability: Adaptation of a Brazilian subsidiary of a Swedish multinational corporation. **Journal of Environmental Management**, v. 90. n.12, p. 3708–3716, 2009.

SILVA, M. E.; BALBINO, D. P.; GÓMEZ, C. P. Consumo sustentável na base da pirâmide: Definindo papéis e obrigações para a efetivação do desenvolvimento sustentável, **RGSA Revista de Gestão social e ambiental**, São Paulo, SP, Brasil, v.5, n.2, p.18-33, maio/agosto, 2011.

SILVA, L. S. A. da; QUELHAS, O. L. G. Sustentabilidade empresarial e o impacto no custo de capital próprio das empresas de capital aberto. **Gest. Prod.**, São Carlos, v. 13, n. 3, p. 385-395, Dec. 2006.

STEAD, J. G.; STEAD, E. Eco-Enterprise Strategy: Standing for Sustainability. **Journal of Business Ethics**, v.24, n.4, p. 313–329, 2000.

WCED. WORLD COMMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT. **Our Common Future**. New York, NY: Oxford University Press, 1987.